

Atualização científica

Esta seção destina-se à apresentação de resumos e comentários de artigos científicos recentes.

“Bioethical Colonialism?”

Blackwell Publishing Ltd, Oxford, UK.

Volume 18, Number 5: iii - iv. 2004.

Ruth Chadwick & Udo Schüklenk (Ed.)

Em recente Editorial, publicado na revista *Bioethics*, de título “Colonialismo Bioético?”, Ruth Chadwick e Udo Schüklenk tratam, com pertinência, de questão de grande relevância para os bioeticistas dos países periféricos, que é a prerrogativa e necessidade de uma reflexão ética própria, voltada para seus próprios contextos e referenciais morais, livre de quaisquer amarras ou influências.

Ao manifestarem sua preocupação com o fato de que há implicações questionáveis, para não dizer perversas, quando do apoio financeiro por parte dos países centrais às iniciativas de estudiosos dos países periféricos, os autores reforçam o argumento de que não se pode permitir que o fundamentalismo econômico resulte em imperialismo ou, como afirmam, colonialismo ético.

Os autores reconhecem que, certamente, há potencial nos subvencionados, há capacidade pessoal e intelectual para a reflexão bioética em diversos países do mundo, cada um com seu diferencial, com sua vivência, conhecimento e leitura. A inquietação latino-americana é uma comprovação disso. O problema é que isto incomoda.

Os bioeticistas latino-americanos e brasileiros, em especial têm se mostrado alertas e dispostos a intervir em defesa de uma melhor qualidade de vida, da dignidade da pessoa humana, do respeito aos direitos humanos fundamentais, buscando assim contribuir para a construção da cidadania em seus países. Nesse sentido têm se manifestado quanto à importância de que se esteja atento à análise e aplicação de modelos éticos forâneos, para não

incorrer em uma importação acrítica, descontextualizada, que não leva em consideração o que de importante existe em cada comunidade moral.

Aqueles que se dedicam à bioética devem se ocupar não só do exercício da análise dos modelos atuais, mas também da busca de formulações que possibilitem melhor mediação dos problemas segundo a realidade de cada nação. As profundas contradições vividas entre países centrais e países periféricos (ou desenvolvidos e em desenvolvimento) representam um desafio para os estudiosos e pesquisadores comprometidos com a construção de modelos epistemológicos mais completos.

Por fim, recomenda-se a leitura na íntegra do Editorial citado e vale a pena transcrever alguns trechos:

“A Bioética, ..., não é uma disciplina com falta de fundos (recursos financeiros). ...há recurso disponível para a pesquisa e o ensino bioéticos, bem como para a participação em congressos. ... Fundos, entretanto, raramente vêm sem outros laços (vínculos) atados. ... Agências internacionais provêm quantidades significativas de recursos projetados para melhorar a capacidade em ética em pesquisa no mundo em desenvolvimento. Os laços (vínculos) atados: eticistas de pesquisa em ascensão no mundo em desenvolvimento devem ser submetidos a ‘treinamento’ (instrução / formação) em instituições do rico norte, dando deste modo a entender que há insuficiente capacidade pessoal e intelectual nos arredores (na vizinhança) para treinar eticistas. Também é digno de nota que algumas das publicações e pontos de vista publicamente expressos dos agradecidos trainees (estagiários) e grantees (subvencionados) imitam de maneiras importantes as opiniões normativas sustentadas (defendidas) pelos trainers (treinadores / instrutores). Embora possa ser verdade que as opiniões devam ter sido manifestadas e sustentadas pelos grantees (subvencionados) em questão, apesar do ‘treinamento’ que receberam nos países do rico norte, há razões para ser sensível a reclamações de bioeticistas estabelecidos no mundo em desenvolvimento, que entendem que muito deste ‘treinamento’ na realidade representa uma forma de transferência de ideologia. ...com o objetivo de assegurar a manutenção de altos padrões de integridade acadêmica e intelectual em muitas colaborações do mundo desenvolvido/em desenvolvimento, é necessário mais sensibilidade com relação a tais questões pelos patrocinadores do mundo desenvolvido. Seria certamente infeliz (oportuno) se, em um campo dedicado também a questões de justiça, bol-

sistas de países mais pobres se vissem executando formas de auto-censura em razão da preocupação sobre como seus patrocinadores provavelmente responderão a suas verdadeiras opiniões sustentadas. ...o patrocínio para capacitação no mundo em desenvolvimento parece requerer significativa reavaliação. A presunção atual parece ser a de que o mundo em desenvolvimento necessita de nosso treinamento e necessita ser sujeito a doses significativas de nossos pontos de vista éticos e ideologias, ao invés de prover recursos permitindo a ele desenvolver suas próprias capacidades baseadas em seu próprio pensamento. Programas de capacitação dirigidos pelo rico norte no pobre (mais pobre) sul, se quiserem evitar ser criticados, por um tempo de algumas décadas, como somente mais um exemplo de pensamento colonialista, precisam responder a este desafio”.

Mauro Machado do Prado

Universidade Federal de Goiás, Goiás; Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil.

mmprado@odonto.ufg.br